

Paia do Van, 24/10/94

Cruzeiro Seixas, querido amigo, (1)
incomensurável artista,

UNIVERSIDADE DE EVORA
Arquivo IC 01.178.06

Cordiais saudações surrealistas!

A carta que me dirigiu para Alfragide, há escasas semanas, foi-me lida, a meu pedido, pela Maria Alexandra, que jamais abre uma carta que me é dirigida, a menos que eu lho solicite, como desta vez sucedeu, por ela não poder aqui deslaxar-se, como ambos pretendíamos. Pois não estava disposto a que os correios lusos extraviassem tanta minha preciosidade sua!

Assim, fiquei ciente, por via telefónica, do seu formosíssimo conteúdo, pois é uma carta ineludível, digna de reprodução, "Made" Cruzeiro Seixas! Bravo!

Se licença me der, passá-la-ei aos ml amigos e intelectuais Santiago Wand e Sérgio Lima que, um dia, poderão historiar o movimento surrealista lusófono, mormente o último, muito mais jovem que nós.

Aliás, cabe-me a honra de os ter posto a ambos em contacto, vinculações que persistiram naquela imenso faísca, soube-o agora pelo Sérgio Lima, que ficou em minha casa de Paço de Arcos, onde viu obras suas, e ao qual forneci o seu número telefónico.

Breve que ambos comunicaram, embora o Sérgio só ali pudesse permanecer 3 noites, devido às ligações aéreas, intransferíveis. Embora o ml canute fône já umas semanas.

(continua)

Aliás, vamos efectuar na América do Sul, através de um amigo de Lima, que se deslocará a Ubatel, Rio Grande do Norte, para ministrar um curso, uma tentativa mais para recuperar o belo livro com o seu nome, que lhe enviei através da mal comportada Charize Bastio, como se recordará, oferta sua para o Sérgio Lima. Foi o que lhe pedi, encarecidamente! Veremos se a encontra, pois se ela ainda reside em Ubatel, com a família, o contacto será fácil, dada a exiguidade do meio artístico e cultural. Pequena cidade, orlada de prais e de dunas maravilhosas, onde todos os literatos se conhecem. Veremos se o contacto, forçado por mim, funciona.

Entretanto, remeto-lhe o "Breve Bestiário da Praia do Vau", na sua primeira versão, exila a jacto, homenagem a uma minha amiga muito querida, que como já lhe disse é - com o marido - ou fã!

Também envio a última versão de um meu poema, aqui nascido, de que, estou convicto, joguei uma outra versão, que suplico rasque.

Dê notícias para meu andar de Alfragide, pois a minha saída está já breves!

Abraço firme do

Titto Aguiar

Breve bestiário da Praia do Vau

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo	FCS

*Caro Cruzeiro Seixas,
Cita-lo num meu es-
crito, "funciona" como se o
desagrasse perante a
imprensa nacional que
Tito Iglesias muito ignora
a importância europeia do
seu arquipélago plástico.*

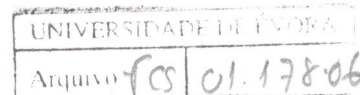
Eu, que descrevi, por escrito, num meu livro, inédito *Glória*

tal como todos os outros (...), intitulado "O enigma das borboletas", o ágil esvoaçar de tantos lepidópteros - a sua graciosidade, a sua irrequietude e a sua leveza - não esperava, ao separar do para-brisas o limpa-vidros do meu automóvel, perto da Praia do Vau, vir a encontrar o cadáver, esmagado, de um deles. Acidente que lamento: pois eu, pela vez primeira, matei, na idade adulta, embora involuntariamente, uma borboleta!

Longe do comportamento vulgar dos cães vadios, os canídeos de raça não mijam: fazem delicadamente xixi, erguendo a perna, como um dançarino levanta cerimoniosamente o seu braço, no início e decurso de uma valsa. Strauss foi um compositor de raça entre músicos vadios da sua época.

Quem nunca contemplou - vendo-a como que de todo suspen-
sa no ar - uma certa ave minúscula, estúpido morre! Trata-se de um colibri, ave que milhões de europeus jamais viram, o *peu* levíssimo corpo imóvel na atmosfera, sustentado quase que miraculosamente pelo agitar rapidíssimo de suas diminutas asas, sugando o pólen das flores. Maneira de alimentar-se só comparável à graça de uma menina loura, de franjinha, tocando flauta, ou à atitude de um violinista, erguendo com atenção e enlevo o seu instrumento musical, ao nível do ombro, como quem escuta, de perto, a sua mulher amada. **Colibri: ave só excedida, em delicadeza insólita, pelos desenhos do surrealista Cruzeiro Seixas**. O meu avô José, militar inválido da guerra hispano-americana, contava-me, sentado eu nos seus joelhos, que os cubanos lhe chamavam "pájaro mosca". Quando *eu* era menino e o ia visitar à Galiza, fui o colibri, na Espanha, para o meu avô José Iglesias Souto ... Só descobri agora este facto, e aqui no Algarve, sugando o pólen

(continua)



da minha infantil memória .

As núpcias dos louva-a-deus destes campos também são canibalescas ! Quem esperaria que, após o coito, a fêmea devorasse o macho que a cortejava ? Comentário que ouvi murmurar entre casais de insectos convidados para a boda .

Gaivotas, pairando muito altas, percorrem o céu . Deitado na areia, persigo com meus olhos o seu vôo ritmado, no azul . Porque chamar, à que mais solitária voa , Fernão Capelo Gaivota ? Manias da imaginação de um escritor . As aves não transportam - nem as nuvens lho exigem - o seu bilhete de identidade ...

Graça Lucena, mulher do Armando, minha comadre, amiga desde a juventude, faz colecção de elefantes, esculpidos nos mais diversos materiais, oriundos de regiões várias, inclusivamente de onde estes proboscídeos nunca afundaram terreno com as patas . E até um poema meu ela guardou na colecção, só porque alude a um cemitério de elefantes... Mas não sei aqui reproduzir as alterações que notei no seu rosto, quando me viu subir, pesadamente, num elevador da empresa onde está colocada (quem coleciona também trabalha...) com um elefante vivo, trombudo, peludo e verdadeiro, o apêndice nasal movendo-se, com lentidão, ^{por} entre as grades, no dia do seu aniversário ! Pois quem já empregou na Europa - actualmente o continente do desemprego - um seu amigo de sessenta anos, merece um presente insólito ...

Tito Gilman

Praia do Vau, Algarve, 11 de Abril de 1994 .

(Para ser oferecido à Graça no dia 28 de Abril)

dia do seu aniversário

O incêndio deste dia

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo	fes 01.178.06

E arde ,
 arde
até a nuca
 da tarde
a loura cabeleira
deste meio-dia .

Covarde ,
 covarde
crepita
ao longe o fogo ,
 crepita
na planura seca
- horrída
 e ruiva
melodia .

Hoje ,
meus tímidos olhos assistiram ,
ao ar livre ,
da manhã pura ao céu em fogo ,
à calcinação
 deste meu dia .

Tito Iglesias

Praia do Vau , 5 de Novembro de 1993 .

01.178.06

Aquela Vénus de Milo tinha a boca cheia de rimas inaudíveis e de invisíveis grãozinhos de uva . Porque as cuspiam - a cada cinzelamento do escultor - de braços não carecia ... Eram, assim, os decepados braços cúmplices do vôo das grãozinhos . E também, antes e após cada golpe, se escutavam, ritmicamente, as rimas .

Mas por que esborrachei eu cinco formigas, sobre o branco tampo marmóreo por onde corriam ? E porquê só essas cinco, no zigzag do acaso, na laboriosa fila ? Teria sido pelo contraste da cor, ou pela sua irritante mobilidade perante a sempre sólida e fria impassibilidade do mármore ? Mistérios numéricos do interior da mente, fugindo entre os dedos do instinto .

Distraídos, alguns filósofos gregos limpavam os seus dentes incisivos, à sombra do Partenon , com os palitos obsessivos das ideias . Mas não os caninos, para os quais reservavam, coerentes, um osso hedonista ... Criação consiste - ó bárbaros e passivos povos, espectadores de TV - em palitar os dentes brancos de uma página em branco com ideias agudas ! E em humedecer e plantar, no nada, as fecundas sementes da imaginação de lusos surrealistas (Cesariny, **Cruzeiro Seixas**, António Maria Lisboa & Poucos Mais, que muitos outros apenas embusteiros flibusteiros terão sido !) .

Um urso pesado, do porte de um granadeiro, calçou para sempre, há muitos lustros, a débil planta ^{jovem} que seria o primeiro pinheiro de Natal, de adulta, de minha tia . Tia tristíssima para toda a vida, sabedora que a pata do passado esmagara o que seria a sua arvorezinha privativa . E tia para sempre séria, formando docilmente fila para a sua ração diária de melancolia .

Mas não sejamos torrenciais, eu e meu irmão siamês ! Neste parágrafo, que me cabe a mim, tornar-me-ei sintético . Cogumelo - eis um chapéu de chuva conservadoramente preto sobre a brancura de uma calvície .

Ao entardecer, ratos ociosos vinham às amuradas do sótão e às bibliotecas municipais de Lisboa, após consultar e roer as páginas amareladas, tocar violino . Rato (só mentalmente) rima bem com o verbo roer . E aqueles ratos sábios roíam cordas que se fartavam, mas não do rei da Rússia . Mas certa aluna, aquela mulher jovem e branca, de cabelos negros, era qual violino, ondulado pela volúpia, que o velho professor de música não sabia tocar . Nem roer . Autocrítica (apalpando o tecido de veludo do verbo tocar) : com algum requinte linguístico, tanger soa mais

(continua)

canoramente, é mais peculiar de violino . Mesmo para quem só, como eu , efectua, com^p artífice, simples obturações de poemas . E não pretende ser artícida .

Naquele cantão, nos vigésimos sextos dias de cada mês, permitiam to - car bombo sobre o chapéu-de-coco do Presidente, com todo o respeito, da Ré - pública . Bosta deveria escrever-se sempre - digam-no à míope, ou, melhor vendo, miope ratazana Eustáquia, que circula pela Baixa, com pretensões de escritora - com letra maiúscula ! E o vocábulo ratazana, em meu enten - der, pelo asqueroso pelo molhado, próprio dos esgotos ulissiponenses, (nun - ca uma cloaca atraiu para as suas águas adjectivo de tamanho requinte), bem poderia ser acentuado . Ratázana , perfidamente esdrúxula ... Zímbório , zângão e zoófago são palavras acentuadas pelo z, ou pelo acento ? E, pe - rante tal modo de zunir, melhor não seria "azentuadas" ? - interrogo-me, com modéstia, sopesando a minha tardia arte de bem inventar a toda a sela .

Surrealismo, académicos de peludas mãos vendadas e de brancos joelhos ocultos , não é, admitam, piromania ! Mas, em outro arquipélago próximo , seria Gauguin um doente no trajecto final ? Ou, afinal, não um paciente , mas um pincel ? Pincel bebendo na sua paleta . Ou pincel molhado em co - res quentes . O puristas, com vossas gigantescas borrachas de apagar er - ros ortográficos do proletariado, debaixo do braço ! As minhas sinistras associações de ideias forçaram-me a fundar, na Polinésia, a Associação dos Leprosos Mentirosos ...

Continuo marchando, a passo de ganso, obliquamente, pelo passeio , sobraçando uma régua compridíssima, em direcção à rubra frente de batalha . Mas que farei eu com esta verde boina de pára-quedista sobre o crânio, se - não agarrar-me a ela - cheia já de ar - no momento da queda ? E não quero proteger-me, eu juro, com as boinas das ideias feitas, nem arrastar-me pe - las bermas da literatura, com a ajuda das muletas dos lugares-comuns . Mas , na verdade, prosseguirei eu , a duas mãos, escrevendo este texto sem policiamento - o motor da motocicleta do surrealismo ? E não constituirá já esta íntima interrogação, inquiridora, um súbito desvio do jorro da cria - ção artística ? ...

Mentalmente, eu, que jamais fui a Buenos Aires, apesar da minha per - manência e proximidade, no Rio Grande do Sul, ia conduzindo, pelo braço , Jorge Luis Borges pela Calle Florida, muy florida . Florida qual aquela parede de subúrbio, ensanguentada por palavrões . Também por riscos e bo - las obscenos . De quando em vez, tropeçávamos nas consoantes, chocávamos contra a esquina das sílabas . Para alardearmos descontração e confian - ça, íamos Jorge e eu, assobiando canções castiças, na penumbra . Não que -

(continua)

Um naco onomatopaico , etc .

(3)

ríamos admitir que ambos estávamos cegos . Pretendíamos ser o guia um do outro . E que canções continuávamos assobiando pelas ruas e praças de Buenos Aires, inspirada e sentidamente, mesmo sem enxergar algum velho armazém rosado ? E não é óbvio ? Por Buenos Aires adiante ... Não sabe, leitor circunspecto ? Mas que se podia outrora e pode ainda assobiar na famosa cidade do Rio da Prata senão czardas ? As célebres czardas do compositor dinamarquês Mário de Sá-Carneiro ! (Mas como vos deslumbrará esta minha policultura !...)

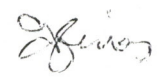
Luís de Camões cogitava, na cidade do Castelo de São Jorge , numa estátua-ventilador que, sempre que folheassem vertiginosamente "Os Lusíadas", perante as sonolentas pálpebras reais, varresse, em torno, os inúmeros imbecis da corte . Isto, antes do poeta ter estátua e ser praça ... Antes que se sorteassem, entre as ossadas, aquela a ser transferida para os Jerónimos . E que apunhalassem, em suas carteiras de madeira, jovens e potenciais amantes de poesia . Oorigando-os a retalhar, anatomicamente, orações gramaticais . Como que aproveitando o pulcro corpo da poesia para efectuar a sua autópsia .

Antes que figuras históricas de Portugal fôssem pintalgadas de vermelho e outras cores, após Abril, pelos anões da política e da revolução . Parcialmente cego, devido a golpe desferido pelo materialismo dos contemporâneos, pedia o Luís esmola no Chiado, junto à Leitaria Garrett , Hoje, ^{trepassada} apenas uma, "boutique", por onde se passa e não se permanece . Ou um sarcófago repleto de recordações de ex-frequentadores ? Encerrada há muito (lia-se imodestamente, num letreiro : "Excelente serviço de chás e torradas") , mas propriedade minha e do Vitorino, que ali muito namorou (então, quase ninguém sabia que éramos poeta e cantor). E também dos alunos de Belas Artes, de Lisboa, hoje pintores com o Batarda a tantos mais, que, antes do naufrágio do sol, se agarravam à jangada de uma torrada com manteiga .

E quedo permanecia em sua mesa o João das Baratas - o doutrinador da "Garrett", com seu fraco por miúdas e seu humor subtilíssimo . Chamado "das Baratas", porquanto dedicava 0,5 % do seu tempo de ócio e de riso à nobre arte de desinfestar casas alheias com um insecticida eficaz contra baratas, cuja fórmula herdara do pai . "Depois das três da tarde" - alguém lhe insinuava - "todas as baratas são pardas ..."

Camões passava, de novo, à porta, vindo da Rua Ivens . E suplicava : " - Troco um soneto por um copo de leite ... Ou uma estrofe por uma torrada ! "

Praia do Vau, 16/12/93 .


Tito Iglesias